

O CULTO AO CORPO NA AMBIÊNCIA DAS ACADEMIAS DE GINÁSTICA: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO

Kalyla Maroun

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo descrever o fenômeno do culto ao corpo em academias de ginástica sob o viés de uma categoria denominada ambiência. Para tanto, realizou-se uma pesquisa etnográfica em uma academia de grande porte situada na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, a fim de que fosse possível estabelecer um diálogo entre o resultado etnográfico e a literatura pertinente a temática. Pode-se inferir que as academias de ginástica possuem uma ambiência que permite indivíduos acionarem alguns sentidos e potencializem um imaginário, amplamente disseminado e propagado, relativo à modelação do corpo.

Palavras chaves: Ambiência. Corpo. Academia de Ginástica.

ABSTRACT

The main goal of the present study was to describe the phenomena of body culture found in gym academies according to the point of view of a category of analysis named ambience. An ethnographic research was accomplished in a large gym located in the South zone of Rio de Janeiro, in order to establish a dialogue between the ethnographic results and the literature regarding the referred theme. It is possible to infer that the gyms have an ambience allowing to evocate some senses and potentiate an imaginary, widely disseminated and propagated concerning the body modeling.

Key words: Ambience. Body. Gym.

RESUMEN

El presente trabajo objetiva describir el fenómeno del culto al cuerpo en academias de gimnastica bajo el punto de vista de una categoría llamada ambiência. Para tanto, realizó se una pesquisa etnográfica en una gran academia situada en la zona Sul de la ciudad de Rio de Janeiro, para que se pudiese establecer un diálogo entre el resultado etnográfico y la literatura concerniente al tema. Se puede inferir que las academias de gimnastica tienen una ambiência que permite personas accionaren algunos sentidos e potencialicen un imaginario, ampliamente dispersado y propagado, relativo a la modelación del cuerpo.

Palabras llave: Ambiência. Cuerpo. Academias de Gimnastica.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo descrever o fenômeno do culto ao corpo que ocorre em academias de ginástica sob o viés de uma categoria de análise denominada ambiência. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de campo do tipo etnográfica em uma academia de grande porte situada na zona sul da cidade do Rio de

Janeiro. A ambiência é aqui compreendida como uma categoria possível de ser analisada no campo do imaginário social. Sendo assim, o propósito deste trabalho não é discutir possíveis causas do culto ao corpo, mesmo que estas venham a aparecer ao longo do texto. É sim descrever tal fenômeno submerso no espaço da academia e apontar a categoria ambiência como um dos componentes que contribui significativamente para a emergência do culto ao corpo que se desenvolve nesses locais e que prolifera em outras esferas da vida social.

As novas formações imagéticas sobre o corpo resultam em crescente busca de possíveis formas de culto ao mesmo e, para tanto, as possibilidades não param de crescer. Ruas, praças, avenidas, ciclovias e muitos outros espaços vão sendo remodelados por parcela da sociedade para que possam vir a se tornarem locais onde haja a possibilidade de se praticar exercícios físicos. As academias de ginástica representam um bom exemplo de locais onde se propaga e se propicia o culto ao corpo. As academias começaram a invadir as grandes cidades na virada da década de 70 para 80 do século XX, motivadas pela febre do culto ao corpo que, então, começava a se disseminar.

Não é a intenção disseminar a idéia de que a busca por academias de ginástica esteja apenas voltada para o culto ao corpo, isto é, para a modelação de um corpo padronizado (fins estéticos). No entanto, alguns estudos apontam que a estética é um dos fatores mais recorrentes. Jefferson Novaes (2001), em seu Livro *Estética: o corpo na academia*, - oriundo de sua tese de doutoramento - apontou que 80% das pessoas que procuram uma academia de ginástica, o fazem por motivos estéticos. Ainda segundo o autor (NOVAES, 2001, p. 21), há o que ele denominou “objetivos outros” que vêm acompanhados da busca pela estética, dentre os quais se podem destacar: correção postural, melhora da capacidade cardíaca, sociabilidade e melhora na qualidade de vida. Em outro trabalho, o autor defende a premissa de que a busca pela estética corporal nas academias de ginástica brasileiras merece ser mais bem investigada. Nas palavras do próprio autor:

A busca incessante da estética corporal, dos praticantes das atividades *gímnicas* em academia, hoje, é um fenômeno sociocultural relevante que necessita de maiores atenções e investigações, uma vez que se tornou um valor orientador para as pessoas, em muitos casos, possivelmente, mais significativo que a própria realização econômica, afetiva ou profissional. (NOVAES, 1995, p. 24).

Partindo do pressuposto de que o corpo é um dos ‘objetos’ que assume valores simbólicos relevantes na atualidade, é importante analisar e compreender o universo das academias de ginástica. Através de um estudo etnográfico, é possível mapear a ambiência acolhedora, estimulante, sedutora e excitante destes locais para os indivíduos que vislumbram, consciente ou inconscientemente, o culto ao corpo. Por outro lado, é possível especular sobre a forma, com a qual esta mesma ambiência pode ser altamente discriminatória, repugnante e jocosa para aqueles que não compartilham do sentido majoritário de corpo que ali pode ser observado.

Locus da pesquisa de campo e método de coleta de dados

A pesquisa de campo foi realizada em uma academia de ginástica de grande porte. Esta caracterização, que se relaciona com a quantidade de alunos/clientes e com a diversidade da oferta de atividades físicas, foi encontrada durante a revisão de literatura (PEREIRA, 1996 *apud* ZANETTE, 2003). Portanto, a academia de grande porte é aquela que possui uma quantidade de alunos/clientes igual ou superior a dois mil e que, em decorrência disso, acaba por oferecer uma gama de possibilidades variadas de atividades.

Optou-se como método de coleta de dados a observação participante. A pesquisa de observação, também denominada de estudo de campo, é bastante utilizada quando se deseja investigar diversas formas de comportamento social em seus ambientes naturais (MICHENER *et al.*, 2005).

No presente estudo, a observação participante se restringiu ao espaço das salas de musculação que, diga-se de passagem, oferece uma gama de reflexões e questionamentos no que se refere ao lugar social do corpo na contemporaneidade expresso, principalmente, pelo fenômeno do culto ao corpo. Ainda sobre o *locus* da pesquisa de campo, deve-se ressaltar que este se insere na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, zona esta habitada majoritariamente por uma parcela economicamente mais favorecida.

A ambiência da academia de ginástica

Para alcançar o objetivo inicialmente proposto por este trabalho, é imperativo que se explicita e descreva o que seriam as academias de ginásticas. Posteriormente, é apresentada uma discussão entre a análise dos dados encontrados e a literatura pertinente à temática.

Segundo Saba e Antunes (2004), as academias se caracterizam por oferecer, com fins lucrativos, um espaço adequado para a prática de exercícios físicos - movimento corporal planejado, estruturado, intencional e repetitivo, executado com a finalidade de melhorar ou manter os componentes da aptidão física. Estes locais devem operar sob a responsabilidade de profissionais de educação física que avaliam, prescrevem e orientam a prática de exercícios físicos de forma segura, eficaz e ética. Similarmente, Toscano (2001) entende as academias de ginástica como centros de atividades físicas, onde se presta um serviço de avaliação, prescrição e orientação de exercícios físicos, sob supervisão direta de profissionais de educação física.

Com relação à carga horária de funcionamento, a maioria delas (médias e grandes), ao menos na cidade do Rio de Janeiro, já ampliou seus horários, funcionando das 6 às 23 horas fazendo, inclusive, turnos aos sábados, domingos e feriados. Uma reportagem encontrada na *internet* da revista *Sports Magazine* (acessada no seguinte endereço eletrônico: <http://www.sportsmagazine.com.br/9acad24H.htm>) cita a tendência que se iniciou em São Paulo das academias de ginástica funcionarem 24 horas. Um fator interessante é que essa tendência já chegou no Rio de Janeiro. Algumas academias situadas na zona sul da cidade, funcionam, também, nas madrugadas dos meses próximos ao verão, bem como no próprio verão, a fim de absorver a crescente demanda nesta época do ano. Muitas empresas começam um *marketing* forte a partir do mês de outubro na tentativa de aumentar a margem de lucros.

Dessa forma, as academias são como oficinas, nas quais são forjados os corpos. O local onde são elaboradas, experimentadas e sistematizadas as habilidades técnicas que permitem construir e moldar este aglomerado feito de sangue, músculos, ossos, articulações, desejos e, acima de tudo, imagens e fantasias. Levando-se em conta a

subjetividade humana, torna-se importante citar que a competência esportiva transmitida pelas academias parece estar muito mais voltada para fins estéticos do que para a saúde. Tal concepção pode vir ao encontro da idéia de um imaginário que perpetua uma preocupação constante: modelar o corpo segundo os padrões e as normas vigentes. Compactuando com essa idéia de um imaginário que versa sobre um determinado sentido de felicidade e de bem estar que, necessariamente, passa pela aparência corporal dos indivíduos, cabe citar:

Não à toa, a generalização de atividades físicas cujo fim reside na aparência do corpo, mesmo que, muitas vezes, mascaradas pelo discurso do bem-estar do indivíduo, é não só abundante como provocante à medida que instiga a inauguração de academias de ginástica a cada esquina, aumentando, cada vez mais, as possibilidades e opções para cada tipo de cliente. Assim, do mais gordo, que almeja perder uns quilinhos desesperadamente, ao mais magro, que sob a tentação dos suplementos vitamínicos deseja aumentar a massa muscular, até àqueles que, sem saber muito bem como ou porquê, buscam adequar-se ao corpo da moda frequentando academias dia e noite, há sempre algo a ser feito pelo e para o corpo. (MATTHIESEN, 2006, p. 284).

Explicitada a noção de academia, é chegado o momento da descrição etnográfica acerca de sua ambiência. Quando se fala em ambiência, deve-se ressaltar que esta não remete à simples exposição causal ou linear dos objetos e das relações na qual se circunscreve. Muito além disso, a ambiência utilizada no presente estudo se refere a uma categoria do campo do imaginário, lugar de produção de sentidos e símbolos que não se esgotam e não podem ser explicados desconsiderando-se alguns aspectos da subjetividade, da afetividade, da historicidade, da cultura entre outros.

Um primeiro ponto merece destaque: a academia é marcada por símbolos narcíseos, onde espelhos, luzes e aparelhos são estrategicamente distribuídos no espaço circundante, a fim de que o corpo não saia de cena em nenhum momento sequer. As músicas¹ (que se restringem a estilos *dance music*)² são também estimulantes à prática de exercícios físicos, o que traduz um componente de excitação a mais para todos, inclusive para os menos motivados.

Retondar (2004) realizou um estudo sobre a ambiência sedutora, *glamurosa* e acolhedora das casas de bingo da cidade do Rio de Janeiro. Em seu trabalho, ele procurou demonstrar a relação da ambiência destes locais com aspectos simbólicos e imaginários que permeiam a trama dos jogadores compulsivos. Em uma passagem do

¹ Segundo Anthoni Seeger (1992) no texto *Etnografia da música*, a música é um sistema de comunicação que envolve sons estruturados produzidos por membros de uma comunidade que se comunicam com outros membros. A música seria ainda uma forma de comunicação, junto com a linguagem, dança e outros meios. Porém, a música não opera como esses meios. Diferentes comunidades terão diferentes idéias de como distinguir entre diversas formas de sons humanamente organizados – canção, música de ruído e assim por diante. Como muitos de nós sabemos por nossas próprias experiências pessoais a música de uma pessoa pode ser o ruído de outra.

² Segundo a enciclopédia Wikipédia o estilo *dance music* pode ser definida como um estilo de música feita eletronicamente com batidas fortes e marcadas que, em geral, são tocadas em casas noturnas, festas.

seu estudo, procura demonstrar a influência que a ambiência exerce sobre aqueles que possuem uma predisposição genética perigosa para o jogo:

Assim, a compulsividade não se encontraria localizada na determinação social, nem no cromossoma, e nem na vontade pessoal. De fato, a cultura interfere, a dimensão biológica interfere e a dimensão individual também pode interferir, mas, se não houver ambiência, não haverá condições objetivas para a produção imaginária da compulsividade emergir (RETONDAR, 2004, p. 17).

As academias de ginástica, assim como as casas de bingo citadas por Retondar, possuem uma ambiência própria, que permite que indivíduos acionem alguns sentidos e potencializem um imaginário, amplamente disseminado e propagado, relativo à modelação do corpo. Através dos espelhos, da disposição física dos objetos, das imagens perpetuadas, das luzes, da música e das relações que se estabelecem entre os indivíduos, pode-se especular que a ambiência da academia, influencia e enaltece um dos imaginários contemporâneos que atribui ao corpo e à aparência, papel central na vida dos indivíduos. Nesse sentido, a aparência do corpo e a forma física assumem relevância como outros sistemas de categorização em uma sociedade, tal como categorias de classe, gênero, cor, etnia, religião entre outros (GOLDENBERG, 2002). É como se existisse uma moral estética que determina como deve ser o corpo e que caminhos o corpo deve seguir para atingir determinado modelo, ou seja, símbolos compartilhados que são expressos e propagados por determinados ritos: os símbolos rituais aos quais denotou Durand (1988).

Com relação aos espelhos, pode-se dizer que existem em quantidades excessivas. O corpo não sai de cena em momento algum. A iluminação por meio de luzes brancas faz com que o local seja muito bem iluminado, claro, límpido, o que analogamente remete ao aspecto de assepsia presente também em hospitais, casas de repouso, consultórios e clínicas estéticas. Tudo está sempre muito limpo, em ordem. Essa assepsia toda descrita acima não combina com desleixo. Ao contrário, a clareza representada pela iluminação do ambiente remete ao sentido de limpeza. Fazendo uso da análise de discurso (ORLANDI, 2001) é como se os corpos tivessem que entrar em consonância com a ambiência e, nesse caso, corpos fora do imaginário majoritário ou corpos que não praticam os ritos ali propagados poderiam ser considerados 'sujos' ou 'turvos'. A clareza e a limpeza do ambiente auxiliam na composição de uma ambiência bastante favorável à disciplina, a lucidez e a auto-superação. A música, geralmente se restringe a estilos *dance music*³.

Outro ponto interessante é a presença de uma balança digital, que fica localizada num canto que, no entanto, jamais é esquecida. Às vezes formavam-se pequenas filas em frente à balança. Sua utilização por parte dos alunos e funcionários era constante. Era praticamente um rito ir à balança ao chegar à academia e ao término da sessão de treinamento. Por outro lado, pode-se pensar que se cria uma paranóia com relação ao peso corporal e a balança, nesse caso, passa a representar, concomitantemente, símbolo de punição ou símbolo de congratulação. Se o peso marcado for favorável, é um bom sinal. A sensação de dever cumprido e de meta alcançada faz bem ao ego. Mas e quando

³ Segundo a enciclopédia Wikipédia o estilo *dance music* pode ser definida como um estilo de música feita eletronicamente com batidas fortes e marcadas que, em geral, são tocadas em casas noturnas, festas.

ocorre o inverso? A tendência é a autopunição. Em estudo realizado por Sautchuk (2007), relata-se de forma bem interessante o fardo de não ter obtido êxito com o exercício físico. O autor narra uma situação verídica ocorrida em uma academia e desenvolve seu estudo sob o prisma desse acontecimento:

Naquele mesmo dia abandonou a academia. Irritou-se com o professor, despediu-se das amigas e trancou a matrícula pensando em nunca mais voltar. “É demais!”: há um ano ela se exercitava com um grupo de pessoas às 7 da manhã, montada sobre uma bicicleta estática, sob as instruções e a duvidosa seleção musical do professor e, quando resolveu fazer uma avaliação corporal, recebeu a notícia de que a gordura havia aumentado. Foi “o cúmulo!”. Mas pior foi o professor que, ao interpretar um tanto surpreso os dados produzidos pelo computador, ao invés de mostrar solidariedade “fez foi tirar o corpo fora”, lançando toda a culpa em suas costas. Aquele olhar de desconfiança e as perguntas, em tom irônico, a respeito de seu consumo de doces e chocolate foram a gota d’água. Perder a confiança do professor diante de um resultado negativo como aquele a levou a não prosseguir com a atividade (SAUTCHUK, 2007, p. 181)

Essa narrativa exemplifica a cobrança existente no quesito ‘perder gordura’ que circula na ambiência da academia. Por conseguinte, acredita-se que as avaliações realizadas periodicamente com o intuito de verificar os resultados do treinamento físico só favorecem aqueles que obtiveram êxito, isto é, ‘perderam gordura’ e se aproximaram do ideal de corpo disseminado pelo imaginário. Os ‘fracassados’, em geral, não conseguem lidar com os olhares punitivos dos objetos, das formas, dos indivíduos e até mesmo dos profissionais que compõem essa ambiência favorável à modulação e ao ‘cultuamento’ do corpo.

No caso do *locus* da pesquisa de campo, a sala de musculação se apresenta com cores fortes e muitos espelhos. No espaço onde foi realizada a observação, destaca-se o azul e o amarelo como cores que se alternavam na pintura das paredes. De acordo com Pedrosa (2002), a cor azul na cultura oriental auxilia o controle da pressão arterial, acalma e traz clareza mental. Produz tranqüilidade, ternura, afetuosidade, paz de espírito e segurança, ao mesmo tempo em que reduz o estresse e promove o entendimento entre as pessoas. Já o amarelo dá vivacidade, alegria, desprendimento, leveza. Produz ‘desinibição’, brilho e espiritualidade. Atrai pessoas alegres, rejuvenesce, traz charme, poder de persuasão e energia. Além disso, o amarelo simboliza a juventude e a nobreza. Instaura-se assim, um ambiente que, ao que tudo indica, oscila entre o convite ao bem-estar e relaxamento e a exibição de poder e juventude, o que pode ser expresso pelas sensações que perpassam, principalmente, a condição corporal dos indivíduos. O corpo, que é convidado ao relaxamento e a tranqüilidade, é influenciado pela simbologia do amarelo que o instiga ao brilho e à energia, isto é, à realização de uma seqüência, muitas vezes árdua, de exercícios físicos.

Enquanto algumas paredes se revezam entre o azul e o amarelo, outras se ‘restringem’ a sustentar espelhos. Imagine uma sala grande onde de um lado há paredes pintadas de amarelo com faixas finas na cor azul e do outro, espelhos que ocupam grande parte da parede. Na sala de musculação, a parede colorida de um lado ocupa a

mesma proporção da parede que sustenta espelhos em frente. Logo, os espelhos permitem uma visão panorâmica de todo o espaço circundante. Não só dão a impressão de aumentar o tamanho do lugar, como também exercem influência fundamental na dinâmica dos corpos que se exercitam sequencialmente. Podem-se denominar, então, as salas de musculação como casa dos espelhos, haja vista que há uma distribuição consideravelmente especial e representativa desse objeto nesses locais. Aparentemente, um ambiente de relaxamento, para revigorar as energias. Mas e com relação à disciplina, a auto-superação, e o desafio de ultrapassar os próprios limites? Na verdade, pode-se inferir que estes quesitos vigoram o tempo todo. Chega-se a um paradoxo: de um lado os prazeres do exercício e de outro a gestão rigorosa do corpo. Para tanto, utiliza-se uma passagem de Courtine (2005, p. 87):

No seio dessa cultura de massa do corpo, o *bodybuilding* - e também todo o conjunto de práticas que dele são vizinhas - pode então, desde cedo, desempenhar o papel de contra-exemplo. Seu ambiente disciplinar é, às vezes, extraordinariamente estrito, e sempre coercitivo. Que as mesmas práticas possam portanto servir de apoio para duas teses aparentemente opostas já é suficiente para revelar sua ambigüidade, se quisermos caracterizá-la em termos de prazer e sofrimento. Fica evidente também que as práticas não podem ser organizadas de modo unívoco nas categorias demasiadamente simples do hedonismo de hoje e da disciplina de ontem.

Imagens de indivíduos jovens e em boa forma física de ambos os sexos ‘malhando’ também podem ser encontradas pregadas nas paredes que sustentam os espelhos, nas paredes que são pintadas, assim como no *hall* de entrada. Essas imagens funcionam como dispositivos motivacionais para os alunos. Tem-se, portanto, um ambiente que é composto basicamente por aparelhos, paredes coloridas, imagens específicas e muitos espelhos que são estrategicamente espalhados. Entretanto, vale ressaltar que o dispositivo motivacional das imagens pode, também, suscitar sentidos negativos. Ora, uma pessoa que não possua o perfil das imagens propagadas em questão, tem grandes chances de se sentir pouco à vontade, não pertencente à tribo e à ambiência. O culto ao corpo na academia parecia não dar espaço para pessoas que simplesmente aceitam o corpo como é.

Algumas conversas amistosas revelam a dificuldade de muitas pessoas em freqüentar a academia com regularidade. A rotatividade é intensa, ou seja, algumas pessoas vão religiosamente durante uma semana inteira, contudo acabam desaparecendo durante duas ou três. Ao voltarem, são cobradas por parte dos profissionais ou dos companheiros: “ué, desistiu?” E a resposta girava em torno de: “não! Tive alguns problemas, mas já estou voltando”. Durante minha imersão no campo não ouvi nenhuma reposta que assumisse uma desistência mesmo, fosse por falta de interesse ou por falta de vontade. As explicações, nesse caso, eram voltadas para questões pontuais e nunca para pontos questionadores ou reflexivos do tipo: “não estava vindo porque estava realmente sem vontade.”

A casa dos espelhos, da música, das luzes brancas, da disciplina e da irreverência é designada, aqui, como as academias de ginástica que, sob a ótica da ambiência, acolhem, seduzem, propagam, estimulam, convidam, e perpetuam o fenômeno do culto ao corpo na sociedade contemporânea para aqueles que se entregam a esse fim. As

academias, de um modo geral, possuem uma lógica própria de funcionamento, que faz com que os indivíduos que as frequentam acionem seus imaginários e construam redes simbólicas específicas referentes ao corpo. Tais redes acabam por ser apropriadas de maneira semelhante por todos que conseguem fazer da academia um lugar efetivo de culto ao corpo.

Considerações finais

A descrição do fenômeno do culto ao corpo, sob o viés da categoria ambiência, foi realizada, confrontando-se os dados da realidade, encontrados na pesquisa de campo, com a literatura acerca da temática. A partir dessa discussão, foi possível destacar algumas questões acerca do fenômeno do culto ao corpo nas academias de ginástica. O estudo, de cunho etnográfico, parece ter contribuído para o preenchimento de uma lacuna da literatura referente à descrição e ao mapeamento do que ocorre na ambiência das academias.

A ambiência da academia de ginástica é altamente propícia à *cultuação* do corpo. Ali, a trama de relações simbólicas que se estabelecem confirma um imaginário majoritário, que compreende a busca por uma determinada forma física e aparência como um ‘dever ser’, que tem que ser almejado e perseguido. Os indivíduos ali presentes compactuam e compartilham um imaginário que entende o local da academia com uma boa possibilidade para se efetuar essa perseguição e, portanto, obter êxito. Assim, uma ambiência acolhedora, estimulante e sedutora, parece contribuir significativamente para a modelação do corpo e para a exclusão de todos aqueles que não são capazes de se entregar a esse fim. A disposição dos espelhos, as cores escolhidas para a pintura das paredes, o estilo da música, a limpeza permanente, a clareza, as imagens pregadas em lugares estratégicos com mensagens motivantes, os aparelhos de última geração, são alguns dos pontos que se destacam como responsáveis pela conformação dessa ambiência. Como diria Retondar (2004), se não há uma ambiência específica, não há condições objetivas para a produção imaginária e simbólica emergir.

Referências

COURTINE, J-J. Os Stakhanovistas do Narciso: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SAN'TANA, D.B. (Org), Políticas do corpo. São Paulo: Estação liberdade, 2 ed., 2005. p. 81-114.

DURAND, G. Imaginação simbólica. São Paulo: Cultrix, 1988.

GOLDENBERG, M.; RAMOS, M. S. A civilização das formas: o corpo como valor. In: GOLDENBERG, M. (Org). Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 19-40.

MATTHIESEN, Sara Quenzer. Do tradicional ao alternativo: o “vale-tudo na era do corpo”. In: AISENTEIN, Ângela (Org). Cuerpo y Cutura: prácticas corporales y diversidad. Buenos Aires: Libros del Rojas, 2006. p. 283-291.

MICHENER, H. A.; DELAMATER, J. D.; MYERS, D. J. Psicologia Social. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

NOVAES, J. da Silva Identificando os valores orientadores das atividades gímnicas em academia no Rio de Janeiro: uma análise de conteúdo. Revista Motus Corpus, Rio de Janeiro n. 4, p. 16-26, 2001.

NOVAES, J. da Silva. Estética: o corpo na academia. Rio de Janeiro: Shape, 2001.

ORLANDI, E. P Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 3. ed., 2001.

PEDROSA, I. Da cor à cor inexistente. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editora, 8 ed., 2002.

RETONDAR, J.M. A produção imaginária de jogadores compulsivos: a poética do espaço do jogo. São Paulo: Vetor, 2004.

SABA, F; ANTUNES, F. Gestão em atendimento. Manual prático para academias e centros esportivos. São Paulo: Manole, 2004.

SAUTCHUK, C. E. A medida da gordura. O interno e o íntimo na academia de ginástica. Revista Mana. Rio de Janeiro, n.13, v.1, p. 181-205, 2007.

TOSCANO, J. J. de O. Academia de ginástica: um serviço de saúde latente. Revista Brasileira ciência e movimento. Brasília, v. 9, n. 1, p. 40-42, 2001.

Endereço: Rua Almirante Alexandrino 2603, casa 48, Santa Teresa. Rio de Janeiro/RJ.
Email: kalylamaroun@gmail.com

Recurso tecnológico para a apresentação: Data show